

ESCOLA DE HUMANIDADES  
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

NÁDIA PROBST PACHECO

**ENTRE PÉTALAS E ESPADAS: UM OLHAR SOBRE AS FANFICS DE K-POP**

Porto Alegre  
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

NÁDIA PROBST PACHECO

**ENTRE PÉTALAS E ESPADAS**  
UM OLHAR SOBRE AS FANFICS DE K-POP

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnóloga em Escrita Criativa.

**Orientador: Prof. Dr. Bernardo José de Moraes Bueno**

Porto Alegre

2023

NÁDIA PROBST PACHECO

**ENTRE PÉTALAS E ESPADAS**  
UM OLHAR SOBRE AS FANFICS DE K-POP

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnóloga em Escrita Criativa.

Banca em 28 de junho de 2023 às 16h.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Bernardo José de Moraes Bueno

---

Profa. Dra. Janaína de Azevedo Baladão

---

Prof. Dr. Luís Roberto Amabile de Souza Júnior

Porto Alegre

2023

## AGRADECIMENTOS

Durante uma aula, a professora Janaína Baladão disse que a vida não para enquanto estamos fazendo o TCC. Eu descobri, de uma maneira não muito agradável, que ela estava certa. Em 19 de abril, recebi a notícia do falecimento de um artista por quem sempre tive muito carinho. Eu não o citei ao longo deste trabalho, mas gostaria de mantê-lo eternizado nestas páginas e, por isso, começo meus agradecimentos com ele. Moonbin, obrigada por ter compartilhado 7 anos da sua vida conosco e por sido uma alma tão bonita, inspiradora e cativante ao longo de sua vida. Continue brilhando como uma estrela no céu.

Mas vamos para algo um pouco menos triste... Agradeço imensamente ao Mateus, por ter sugerido que eu pedisse a minha transferência para a Escrita Criativa em vez de Letras. Eu (literalmente) não estaria aqui hoje se não fosse por você. Agradeço também aos outros meninos do Ratos de Ringue e a Jakie por terem estado comigo e me apoiado em alguns dos momentos mais difíceis da minha vida.

Ao meu orientador, Bernardo Bueno, pela paciência de me ver preenchendo as intermináveis lacunas no meu texto, por ter acreditado no meu trabalho e, principalmente, por ter começado todas as orientações com um elogio. E também a todos os outros professores da Escrita Criativa, não apenas pelos ensinamentos, mas também pelas palavras e conselhos que me permitiram ganhar confiança nas minhas criações. Espero um dia deixá-los orgulhosos.

Ao algoritmo do Youtube, por ter botado o KNK e o The Rose na minha vida e ao algoritmo do Twitter, por ter feito o mesmo com o Kingdom.

A Blum, mi hermanita mexicana, por ter aguentado meus surtos da madrugada e ajudado com as traduções do espanhol. Spam!

A Bami, por cada conversa que tivemos sobre esse assunto, por ter lido a minha fanfic antes de todo mundo e por ter demonstrado interesse e entusiasmo com a minha história. A Café e Cherry pelas risadas e pela amizade e por terem percebido que eu escrevi “nuca” ao invés de “nunca”. Gostaria de agradecer individualmente a todos os amigos que fiz em fandoms, mas são muitas pessoas e meu espaço é limitado. Enfim, saibam que serei eternamente grata a todos que me apoiaram ao longo dessa jornada, mesmo que indiretamente.

Por fim, gostaria de agradecer ao Kingdom. Talvez seja estranho estar agradecendo um grupo de pessoas que vive do outro lado do mundo e que provavelmente nem sabem que eu

existem, mas, apesar disso, eles são uma parte importante da minha vida e foram fundamentais para esse trabalho. Por suas músicas, por seus sorrisos, pela inspiração que me deram todos os dias e por terem sido a minha luz na escuridão 고맙고 또 고마워요.

“As flores que desabrocham espalham-se,  
não consigo parar de pensar. Nunca esqueço do  
perfume de uma flor e da voz que me chamou,  
mesmo nos distanciando.”

Kingdom - Karma

## RESUMO

Este trabalho é composto por duas partes. Na primeira delas, temos um ensaio reflexivo que busca mapear e discutir as características das fanfics de K-pop postadas no Twitter, além de tentar entender qual o papel destes textos dentro de seus respectivos fandoms. Para tal, estudos das áreas de redes sociais, cultura de fãs e escrita criativa foram utilizados como apoio na análise de algumas fanfics neste formato, incluindo autores como Henry Jenkins e Luiz Antonio de Assis Brasil. A segunda parte compreende os três primeiros capítulos de uma fanfic de fantasia inspirada no grupo de K-pop Kingdom, focando especificamente no membro Mujin e no Reino das Flores de Cerejeira. Nesta narrativa, o rei decide convidar 8 garotas para passar o Festival da Primavera no palácio, após ser pressionado pelo Conselho a encontrar uma esposa. Dentre essas garotas está Himari, que possui a misteriosa habilidade de fazer os espíritos dentro de Mujin ficarem quietos. Os capítulos acompanham de forma alternada as perspectivas de Mujin e Himari.

**Palavras-chave:** Cultura de fãs; Escrita Criativa; Fanfics; K-pop; Twitter.

## ABSTRACT

This paper is composed by two parts. The first one is an essay that seeks to map and reflect on the characteristics of K-pop fanfictions posted on Twitter, while also trying to understand what role of these texts play within their respective fandoms. To do so, studies from the areas of social media, fan culture and creative writing were used as support in the analysis of some fanfics in this format, including ideas from Henry Jenkins and Luiz Antonio de Assis Brasil. As for the second part, it comprises the first three chapters of a fanfic inspired by the K-pop group Kingdom, focusing specifically on the member Mujin and the Kingdom of Cherry Blossoms. In this narrative, the king decides to invite 8 girls to spend the Spring Festival in the palace, after being pressured by the Council to find a wife. Among those girls is Himari, who has the mysterious ability to make the spirits inside Mujin go quiet. The chapters alternate between the perspectives of Mujin and Himari.

**Keywords:** Creative Writing; Fan Culture; Fanfics; K-pop; Twitter.

## SUMÁRIO

<b>1. OPEN THE GATE</b> .....	8
<b>2. LEIA AQUI</b> .....	10
<b>3. ENTRE PÉTALAS E ESPADAS</b> .....	22
<b>4. CLOSE THE GATE</b> .....	35
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS CRIATIVAS</b> .....	40
<b>GLOSSÁRIO</b> .....	41

## 1. OPEN THE GATE

Desde a década de 1990, a cultura coreana vem se espalhando pelo mundo através da Hallyu ou, em português, Onda Coreana. Segundo o site do Centro Cultural Coreano no Brasil (2021), o termo é “amplamente utilizado agora para se referir à popularidade da indústria do entretenimento e cultura coreana na Ásia e em outras partes do mundo”.

A Hallyu teve seu início com a promoção de dramas de TV e música pop na China e no Japão. Essa divulgação da cultura coreana<sup>1</sup> logo se expandiu para outras regiões do mundo e, eventualmente, se tornou um fenômeno cultural e comercial também nos países do ocidente. Segundo o Facts Korea (2022), o número de organizações relacionadas a cultura coreana cresce cerca de 7% todos os anos, enquanto o número de membros destas organizações cresce cerca de 36% no mesmo período. Além disso, eles também apontam que a maior parte destas organizações são fã-clubes de K-pop. A popularidade deste gênero musical pode ser vista, também, pelos dados divulgados pelo Spotify (K-pop, 2023). Segundo eles, o número de streams deste gênero musical cresceu mais de 1800% entre janeiro de 2014 e janeiro de 2020.

E com esse aumento na aceitação do K-pop, abrem-se possibilidades de estudos voltados a essa área. Assim, na parte teórica deste trabalho busco traçar o perfil das fanfics que K-pop que são postadas diretamente no Twitter, identificando e refletindo sobre suas características, e elementos narrativos mais frequentes. Além disso, tento compreender qual papel esses textos dentro dos fandoms aos quais pertencem e a como se dão as interações entre autores e leitores.

Talvez você estranhe que, depois de tudo o que eu falei sobre K-pop, na parte criativa eu esteja falando sobre a cultura japonesa. Calma, eu posso explicar!

O grupo que inspira esta parte do meu trabalho se chama Kingdom. O septeto possui uma *lore*<sup>2</sup> com temática de fantasia medieval, em que cada integrante representa um rei diferente dentro da história. Tanto os reis quando seus reinos são inspirados em culturas do mundo real. Minha história acompanha o rei Mujin e o Reino das Flores de Cerejeira, que são inspirados na cultura japonesa.

Após ver a paz de seu reino ser ameaçada por espíritos invasores e com a Árvore Divina perdendo sua vitalidade, Mujin decide lutar contra as forças do mal. Após engolir os 108 espíritos, ele sela-se dentro da Árvore Divina. Até aqui, nada foi criação minha.

---

<sup>1</sup> Embora existam muitos pontos em que a cultura das duas Coreias seja equivalente, a Coreia do Norte não investe em divulgação de sua mídia. Dessa forma, sempre que houver referências a "cultura coreana" neste trabalho, estamos falando de produções oriundas da Coreia do Sul.

<sup>2</sup> Informações a respeito de um universo ficcional, envolvendo histórias, lendas, línguas, povos, geografia e outras informações semelhantes (DICIONÁRIO INFORMAL, 2017).

Minha história surge a partir das possibilidades do que poderia acontecer uma vez que Mujin fosse libertado de dentro da árvore (o que é sugerido, mas não confirmado, por meio da coreografia da música *Dystopia*).

Como utilizei alguns termos que talvez não sejam tão conhecidos pela maioria, apresento também, ao final deste trabalho, um glossário em que explico tais termos com as minhas próprias palavras.

## 2. LEIA AQUI

Eu tinha 14 anos quando escutei Gangnam Style pela primeira vez. Foi o primeiro passo em um caminho sem volta. Lembro de ter ficado curiosa sobre a garota ruiva que aparecia no vídeo, de ter descoberto que ela também era uma cantora – chamada Hyuna – e de procurar pelas músicas dela. Também me lembro da surpresa da minha melhor amiga, outra fã, ao descobrir que eu escutava K-pop. E assim, pouco a pouco, eu fui conhecendo e me apaixonando cada vez mais pelo gênero. Nos primeiros três anos e meio eu me contentei em ser apenas uma ouvinte casual. Até então eu estava satisfeita em ter apenas a minha melhor amiga para conversar sobre as músicas que eu gostava, mas isso começou a mudar em 2016, quando conheci o KNK, um dos meus grupos favoritos.

O ser humano é, por natureza, social. Estamos constantemente tentando formar grupos, e não seria diferente no ambiente virtual. Para Pierre Lévy (2001, p. 127), “uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesse, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca.” De forma semelhante, Manuel Castells (2003, p. 110) afirma que as “redes online tornam-se formas de 'comunidades especializadas', isto é, formas de sociabilidade construídas em torno de interesses específicos”. Assim, por estarem em um ambiente virtual, tais comunidades permitem que pessoas ao redor do mundo se reúnam em um único lugar e possam debater sobre assuntos de seus interesses. É neste contexto que se inserem os fandoms. Segundo Souza e Martins (2012, pg. 5)

Fandom é um termo em inglês surgido da mistura de duas palavras: *fan* (fã) e *kingdom* (reino). É utilizado para designar as comunidades de fãs de um determinado produto cultural, geralmente aportadas na internet.

Conforme fui me interessando mais pelo gênero, senti a necessidade de conhecer mais pessoas com os mesmos interesses que eu, compartilhar opiniões, discutir teorias. Mas que tudo, queria ter a sensação de fazer parte de um grupo, sentir que não estava sozinha. Naquela época, os fandoms eram a melhor opção para aqueles que quisessem encontrar outros k-poppers, especialmente de grupos pequenos como o KNK. O termo k-popper é utilizado para se referir aos fãs de K-pop de uma maneira mais ampla, em contraste com os nomes de fandoms de grupos específicos – fãs do KNK, por exemplo, são chamados de *tinkerbells*, fãs do Kingdom são chamados de *kingmakers* e, o exemplo mais conhecido pelo público geral, os fãs do BTS são chamados de *armys*.

Atualmente, sou participante ativa de 6 fandoms, mas também interajo ocasionalmente com, pelo menos, 8 outros. Acho que posso dizer que tenho bastante experiência nisso... em mais de 10 anos convivendo com pessoas desse meio, não foram raras as ocasiões em que vi fãs admitindo que seus artistas favoritos os ajudaram a passar por momentos difíceis, mesmo que indiretamente. Honestamente, não foi diferente comigo. Algo que sempre me chamou atenção é que isso geralmente vem atrelado a uma necessidade de retribuir aquilo que o artista lhe ofereceu. Certamente não é o único motivo que leva um fã a dedicar o seu tempo a ajudar o artista de que gosta, mas é o que mais se destaca para mim. Há aqueles que se dedicam a atividades mais práticas, como a tradução de notícias e publicações oficiais, e há aqueles que se dedicam a criação de conteúdo.

Para este último são diversas possibilidades, mas diria que as mais comuns, pelo menos em fandoms de K-pop, são as ilustrações, as narrativas e as edições de vídeos. Tais criações se enquadram no que Jenkins (2009, p. 378) chama de cultura participativa: uma "cultura em que fãs e outros consumidores são convidados a participar ativamente da criação e da circulação de novos conteúdos." Diversas atividades que ocorrem dentro de um fandom podem ser entendidas como parte da cultura participativa, dentre ela a fanfiction. Segundo Odría (2016, p. 16), fanfiction é

um termo que se emprega para classificar histórias de ficção criadas por fãs, baseadas em personagens ou cenários de tramas já conhecidas e a qual eles seguem. São ficções criadas por e para fãs [...]. Uma característica desse gênero é que ele não é feito com propósitos comerciais [...].<sup>3</sup>

Ela também afirma que “geralmente, as fanfictions são baseadas em histórias de livros, filmes, desenhos animados e séries de televisão, mas também podem ser feitas sobre pessoas reais e bandas de música.”<sup>4</sup> (2016, p. 21) O termo é, geralmente, abreviado para fanfic. No Brasil, também encontramos a abreviação *fic*, popularizada em fóruns e sites dedicados a essa prática. Por conveniência, utilizaremos “fanfic” ao longo deste trabalho.

As fanfics estão longe de ser um elemento novo na cultura de fãs. Na verdade, elas surgem antes mesmo da internet comercial. Fãs de Star Trek vêm distribuindo suas próprias

---

<sup>3</sup> Tradução minha. No original: “un término que se emplea para clasificar a las historias de ficción creadas por fanáticos basadas en personajes o escenarios de tramas ya conocidas y a las cuales ellos siguen. Son ficciones hechas por y para fans [...]. Una característica de este género es que no se realiza con fines comerciales [...]”

<sup>4</sup> Tradução minha. No original: “Usualmente, el fanfiction tiene su base en historias de libros, películas, dibujos animados y shows de televisión, pero también se pueden hacer sobre personas reales y bandas musicales.”

produções em convenções e outros eventos semelhantes desde 1967. Entretanto, é inegável que elas se popularizam com a difusão da internet. Vargas (2015, p. 24) ressalta que

com o advento da internet, os fandoms passaram a agregar um número cada vez maior de pessoas, rompendo barreiras geográficas e até mesmo linguísticas, e a produção de fanfictions também cresceu, particularmente na década de 1990.

Fanfics, bem como a cultura de fãs em geral, evoluíram conforme a internet evoluía. Elas foram modificadas e potencializadas pelas novas ferramentas do mundo digital. Na verdade, este é um processo que segue acontecendo. Afinal, como Jenkins (2009, p. 188) destaca, “os fãs sempre foram os primeiros a se adaptar às novas tecnologias de mídia”. Levando isso em consideração, podemos dizer que, com diversos fandoms se reunindo atualmente em sites como o Twitter, é apenas natural que fanfics também estejam presentes neste meio. Alguns escritores utilizam essa plataforma apenas para divulgar fanfics publicadas em sites especializados, como o Wattpad ou o Archive of Our Own (também conhecido como AO3), informando sobre novos capítulos e disponibilizando links, mas alguns já estão utilizando-as para a publicação direta, sem recorrer a sites externos.

Existem diversos vocábulos específicos do universo das fanfics. Como apontado por Reolon (2019, p. 20), “Há diversos termos usados pela comunidade fã com sentidos que podem ser diferentes dos já conhecidos, e cada fandom também pode usar termos diferentes uns dos outros”. Isso acontece com o termo AU. De um modo geral, é a sigla para *alternative universe* ou, em tradução livre, “universo alternativo”. Odría (2016, p. 23) define esse subgênero de fanfic como as histórias em que:

[...] os elementos – a caracterização [dos personagens] e a ambientação – são diferentes do original e exploram os universos do ‘e se’; inclusive, explorando diversas dimensões da personalidade dos personagens (por exemplo, ver o lado bom de um personagem mal)<sup>5</sup>

Já no contexto dos fandoms de K-pop, especialmente quando reunidos no Twitter, o termo AU aparece frequentemente quando falamos de fanfics sendo publicadas diretamente no

---

<sup>5</sup> Tradução minha. No original: “sus elementos – la caracterización y la ambientación – se cambian del original y se exploran los universos del «qué tal si»; incluso, explorando distintas dimensiones en cuanto a la personalidad de los personajes (por ejemplo, ver el lado bueno de un personaje malvado)”

site, sendo criadas já pensando nas limitações que a plataforma possui, como o limite de caracteres e de mídias – como imagens e vídeos, por exemplo – em cada publicação.<sup>6</sup>

Mas se pararmos para pensar, essas fanfics de K-pop publicadas no Twitter não fogem tanto assim da definição “original” de AU. Por exemplo: imagine uma fanfic sobre um grupo qualquer de K-pop em que os membros são retratados como estudantes universitários (*college AU*). O escritor não sabe como foi a experiência universitária de seu ídolo, então tudo aquilo que ele escreve é uma especulação.

Esse formato textual não é uma exclusividade brasileira. Em uma rápida busca do termo AU junto do nome de algum grupo de K-pop na barra de pesquisa do Twitter encontrei publicações em espanhol, inglês e indonésio, além do português. E não foram poucos resultados. É uma das provas de que este tipo de trabalho já está bem estabelecido entre os fandoms de K-pop e não restrito a um pequeno nicho.

Escritores que se aventuram nesse tipo de fanfic precisam ser criativos não apenas com a narrativa, mas também na forma como a apresentam ao público, já que existe uma limitação de caracteres por tweet<sup>7</sup>. Como consequência, essas histórias acabam se tornando bastante fragmentadas e, como veremos mais adiante, isso possui vantagens e desvantagens. Por ora, foquemos na apresentação das AUs de Twitter.

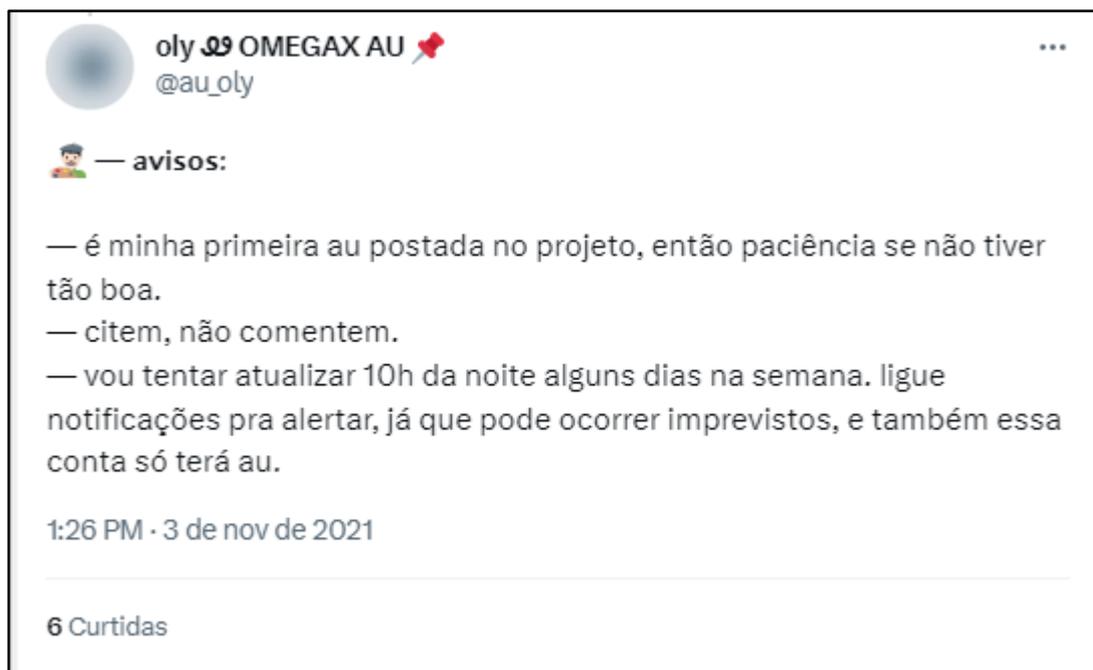
Os autores desse tipo de texto costumam prezar pela organização da estrutura em si. Inclusive, é comum que autores só publiquem suas histórias depois de tê-las escrito por completo. Essa prática é mais utilizada para evitar atrasos nas atualizações, mas não consigo deixar de vê-la, também, como uma questão de organização e planejamento da narrativa. Os fios (ou *threads*, sequências de postagens interligadas) em que esses trabalhos são postados frequentemente começam com a apresentação do enredo e dos personagens. Além disso, alguns autores criam diversos fios, cada um com uma função específica, que posteriormente serão linkados em um fio principal. Geralmente, os fios começam pelos avisos gerais sobre a história (pense nisso como algo semelhante aos *disclaimers*<sup>8</sup> dos sites especializados em fanfics), depois apresentam o enredo; em seguida apresenta os personagens; por fim, apresentam a história em si.

---

<sup>6</sup> Acho importante frisar que é pouco provável que esse tipo de fanfic esteja restrito aos fandoms de K-pop. Entretanto eu, particularmente, nunca vi algo similar fora desse meio.

<sup>7</sup> Embora esse limite tenha aumentado recentemente, até 08 de fevereiro de 2023 ele era de 280 caracteres por tweet. Todas as AUs de Twitter lidas para este trabalho ainda respeitavam esse limite.

<sup>8</sup> *Disclaimers* são notas de isenção de responsabilidade, escritas por autores de fanfic informando que eles não são os detentores dos direitos autorais de certos elementos que aparecem em sua história.



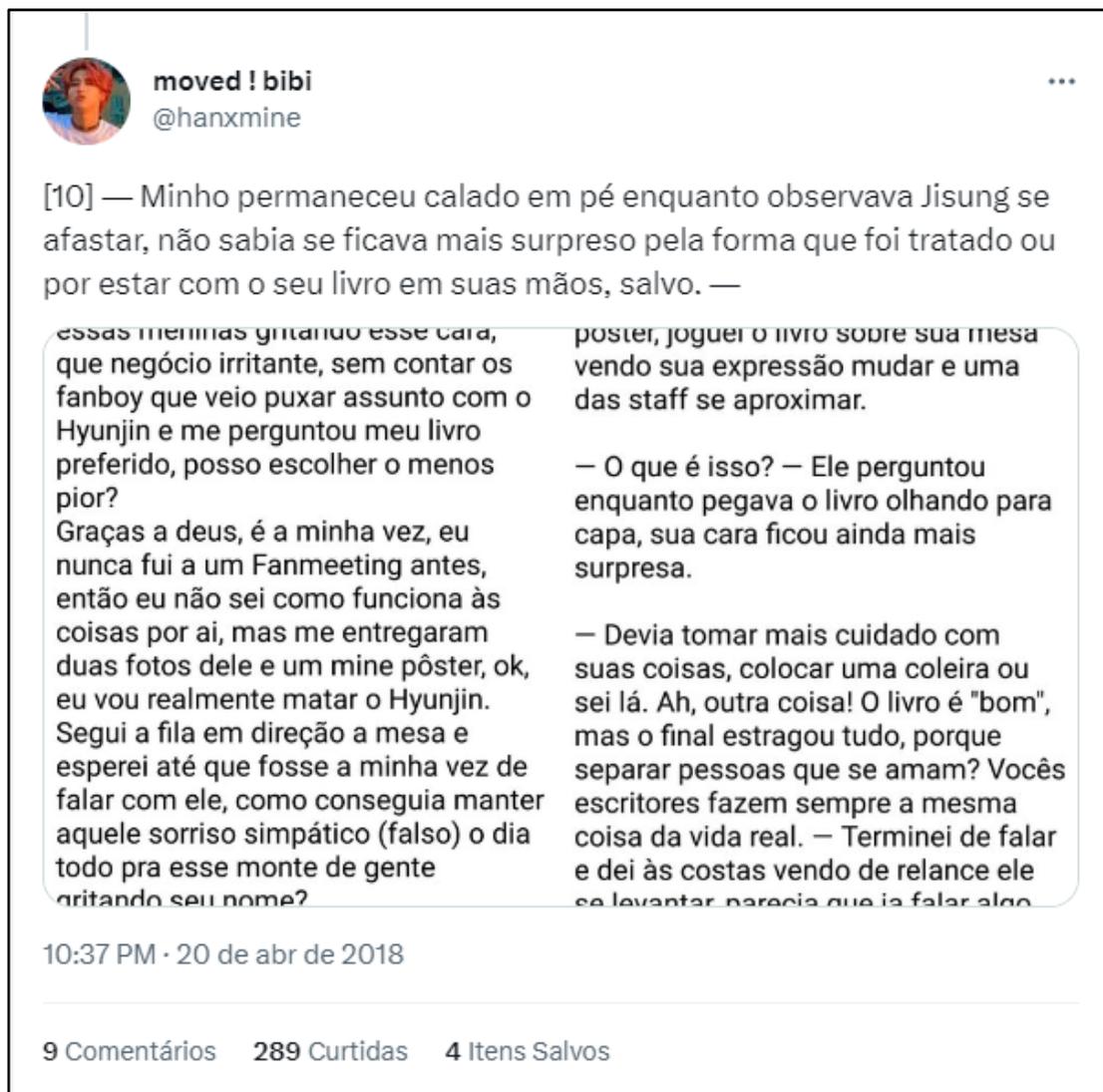
**Figura 1:** tweet com avisos sobre a AU. (OLY, 2023)

As AUs, de uma forma quase metalinguística, às vezes apresentam edições que simulam postagens dos personagens no Twitter ou também conversas em apps de mensagem, como o WhatsApp. Esse recurso cria uma dinâmica interessante na hora de retratar os pensamentos e os sentimentos de um personagem sobre um determinado acontecimento. Também permite que o leitor acompanhe múltiplos pontos de vista – inclusive, de personagens secundários – de uma forma mais natural. Podemos encaixar isso no conceito de focalização, conforme discutido por Assis Brasil (2019, posições 3916 e 4401 no ebook). Para ele, existem quatro tipos de focalização, mas vamos nos deter apenas nas duas que nos importam aqui: a focalização interna, em que "o leitor é colocado dentro da cabeça e das emoções do personagem, e sabe tanto quanto ele" e a focalização onisciente contemporânea, em que o estilo de narração “permite incluir elementos informativos ‘neutros’, mas relevantes, na história”. Tais elementos são considerados neutros pois “não passam pelo filtro da subjetividade do personagem nem representam juízos de uma hipotética pessoa que narra”.



**Figura 2:** tweet de um capítulo de AU que utiliza montagens que simulam tweets dos personagens. (BIBI, 2023)

Contudo, eventos importantes para a história nem sempre são bem traduzidos para o formato de montagens. Nestes casos, o autor precisa apresentar trechos narrativos mais longos. Mas como fazer isso se há uma limitação de caracteres? Uma das formas mais comuns é por meio de capturas de tela. O autor escreve tais trechos em um aplicativo de bloco de notas, seguindo a mesma lógica de qualquer outro texto do gênero narrativo, mas posteriormente fazendo uma captura de tela e postando a imagem. Esse recurso evita uma fragmentação ainda maior da narrativa. Embora raras, existem algumas AUs de Twitter que são compostas exclusivamente por esse tipo de narração.



**Figura 3:** tweet de um capítulo de AU focado em narrativa. (BIBI, 2023)

Considerando isso, podemos separar as AUs publicadas no Twitter em 3 grandes grupos: as que possuem apenas os trechos narrativos em captura de tela; as que apresentam apenas montagens; e as que apresentam ambos.

Quando temos tanto os trechos narrativos em captura de tela quanto as montagens, de modo geral, temos diálogos nos dois formatos. Isso varia de acordo com as preferências de cada autor. Também há uma grande presença de memes e outros elementos do dia a dia virtual, algo refletido na linguagem informal. Pense nas montagens de aplicativos de conversa. Elas são feitas para representar uma conversa entre dois amigos. Assim, o uso de gírias, abreviações, internetês e regionalismos é esperado.



**Figura 2:** tweet de um capítulo de AU que utiliza montagens que simulam conversas dos personagens em apps de conversa. (BIBI, 2023)

O tamanho destas fanfics fica a critério do autor. Enquanto pesquisava AUs para este trabalho, me deparei com uma que durava 5 tweets, escrita por @choiscat, e outra que durava 572, escrita por @jisungpatito. Acho que é importante para os autores considerarem, também, por quanto tempo seus leitores estão dispostos a acompanhar aquela história. Por falar nisso, algo que reparei é que quase todas as AUs vão perdendo engajamento ao longo do caminho. Vamos tomar como exemplo a AU de 572 tweets. A introdução da narrativa possui 5046 curtidas e 2070 retweets, já o último “capítulo” possui 1320 curtidas e 309 retweets<sup>9</sup>. E já que estamos falando de engajamento, é importante lembrar que ele pode variar de acordo com uma série de fatores, dentre eles o tamanho do fandom, o número de seguidores do autor e a língua de publicação.

<sup>9</sup> Até o 02 de junho de 2023.

Como dito anteriormente, alguns autores fazem uma introdução dos personagens que aparecerão ao longo de sua história. Quando pensei sobre isso a primeira vez, me pareceu contraintuitivo, afinal as AUs de Twitter são fanfics baseadas em celebridades, então teoricamente o público já conhece aqueles personagens. Mas, depois de pensar um pouco mais sobre o assunto, concluí que fazia sentido... afinal, a narrativa destas fanfics acontece num universo alternativo, de modo que os personagens não precisam ser uma cópia exata da pessoa que inspirou eles. Paraphraseando o que Assis Brasil afirma (2019, posição 772), um autor não deve criar um retrato perfeito da pessoa que inspira seus personagens; ao invés disso, deve atribuir-lhe novas características que o tornem único.

Já em questão de ambientação, não me recordo de nenhuma AU de Twitter que desse ênfase a construção de mundo. De modo geral, se passam em cenários urbanos cotidianos – como universidades, cafés ou até mesmo o transporte público – e são descritos de maneira simples e direta. Embora o espaço físico não ganhe tanto destaque, outros elementos – como a cultura e os costumes locais – podem ser percebidos por meio dos diálogos entre os personagens.

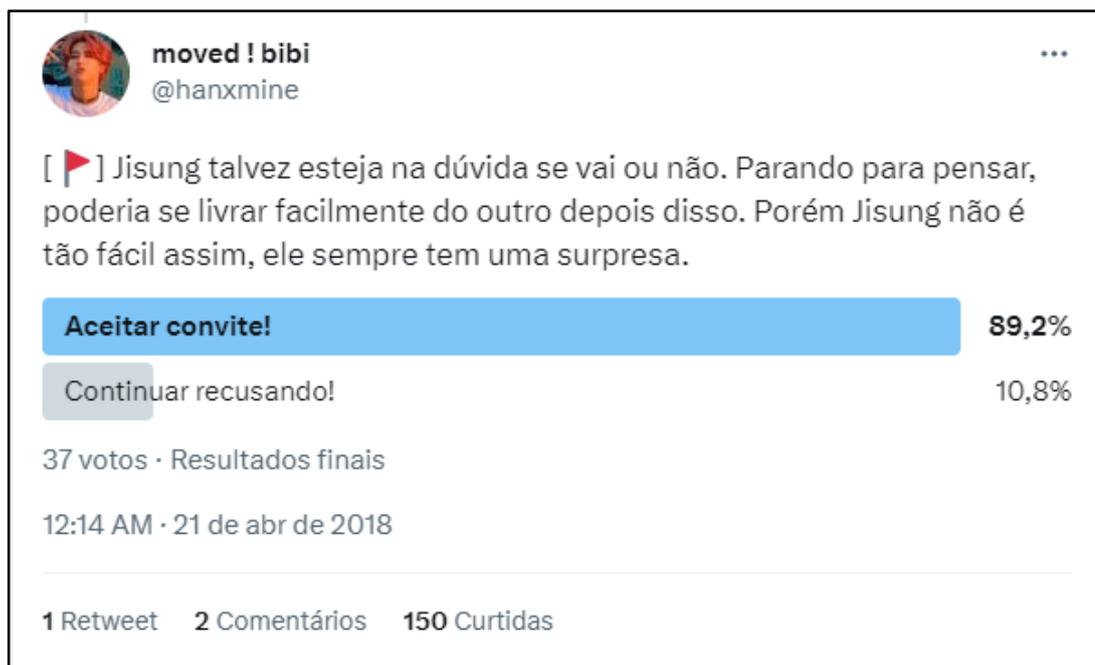
Também podemos notar o uso de supressões temporais, de maneira semelhante a uma elipse cinematográfica. Não que isso seja algo exclusivo das AUs de Twitter, elas aparecem mesmo em obras do cânone literário, mas a frequência com que elas acontecem nesses textos me chamou atenção.

Ainda na questão temporal, destacaria que tais fanfics se passam quase sempre nos dias atuais. Imagino que isso seja um reflexo das montagens – afinal, não existia Twitter na era medieval – embora isso não seja uma regra. A AU de Twitter escrita por @au\_oly, por exemplo, se passava na Itália renascentista, mas é uma daquelas que não apresentam montagens, apenas trechos narrativos.



**Figura 3:** tweet de apresentação de uma AU de Twitter. (OLY, 2023)

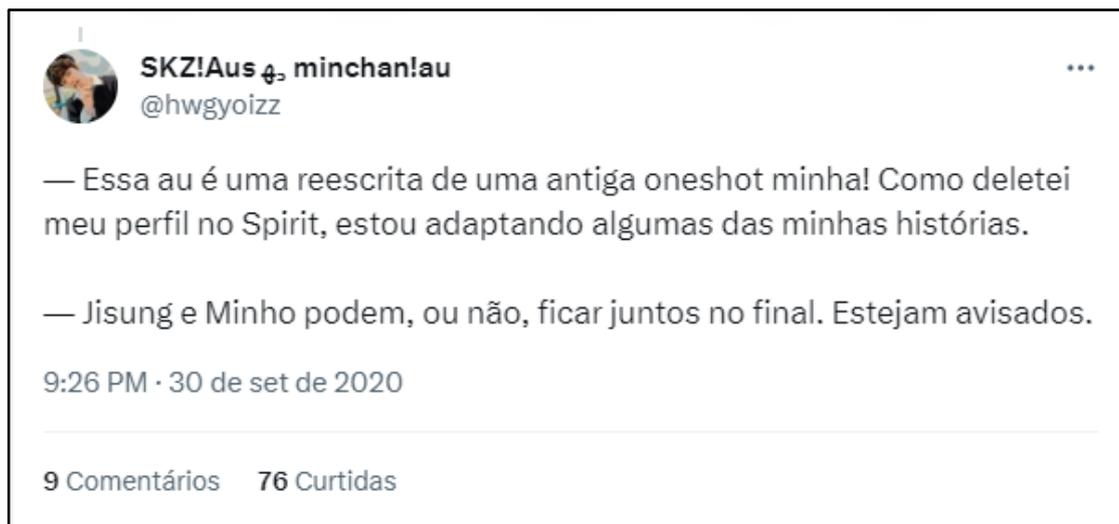
Como mencionado anteriormente, a limitação de caracteres por postagem gera uma fragmentação narrativa, mas isso não é de todo ruim. Como Souza e Martins (2012, p. 9) apontam, “a internet proporciona, a rápidas velocidades e mínimas dificuldades, a produção, o armazenamento, a distribuição e o feedback de conteúdos amadores e sem fins lucrativos”. Colocando isso na perspectiva das AUs de Twitter, os leitores têm a possibilidade de compartilhar suas opiniões sobre trechos específicos com facilidade, geralmente através da função de retweet com comentário. Também podemos encontrar casos em que os autores utilizaram o recurso de enquete para a criação de uma narrativa mais interativa.



**Figura 6:** Tweet em que o recurso de enquete é usado para saber como o público gostaria que a história seguisse. (BIBI, 2023)

O consumo brasileiro das AUs de Twitter talvez se dê pela dificuldade de acesso que os fãs têm com os conteúdos oficiais. É raro encontrar conteúdos oficiais com legendas em português e, especialmente no caso de grupos menores, às vezes sequer existem conteúdos oficiais sendo produzidos. Assim, os fandoms brasileiros se veem dependentes do conteúdo produzido por fãs. Além disso, também podemos ver as AUs como uma forma de movimentação do fandom, gerando interações durante os períodos em que não há novos lançamentos de um grupo, de forma que as relações entre fãs continuem ativas. Isso é reforçado pela ideia de Odría (2016, p. 38) de que podemos encontrar “novos usuários que se aproveitam das novas ferramentas de plataformas digitais, interagindo não apenas com as histórias, mas também com os demais usuários”.

Mas talvez você esteja se perguntando: qual a grande vantagem das AUs de Twitter em relação as fanfics “tradicionais”? Eu também me perguntei isso. E certamente há uma vantagem, já que alguns autores adaptam suas fanfics em modelo tradicional para este formato no Twitter. É o caso de *Hanahaki!au*, escrita por @hwgyoizz.



**Figura 7:** Tweet com avisos sobre a história, em que a autora indica a adaptação da narrativa para o novo formato. (SKZ!AUS, 2023)

A primeira vantagem que vejo é que estas fanfics estão na mesma plataforma em que a maior parte de público delas está, de forma que elas acabam chegando a um número maior de pessoas. Outra ideia surgiu enquanto conversava com uma amiga sobre o assunto. Ela sugeriu que “as pessoas se conectam mais fácil com isso”. E, com tudo o que vimos até aqui, parece ser de fato o caso. O uso de elementos do cotidiano, por si só, contribui para uma ambientação envolvente, pois gera identificação por parte do leitor. Aqui podemos mencionar, também, que muitas das AUs de Twitter escritas por fãs brasileiros se passam em nosso país e usam elementos da nossa realidade.

Finalizo salientando que estas histórias cumprem seu papel mesmo fugindo de algumas convenções literárias – as quais a maioria destes autores provavelmente desconhece. Assim, mesmo que de uma perspectiva mais técnica possamos ver diversos pontos que podem ser melhorados, as AUs de Twitter ainda possuem um grande potencial criativo. E, pelo menos no meu ponto de vista, isso é o mais importante em um texto escrito por fãs.

### 3. ENTRE PÉTALAS E ESPADAS

#### Contextualização

Durante a noite, 108 espíritos invadem o Reino da Flores de Cerejeira, emanando uma energia sombria que ameaça a Árvore Divina. Temendo pela segurança de todos, o rei Mujin toma a decisão de se sacrificar, engolindo cada um dos 108 espíritos e selando-se dentro da Árvore Divina. Anos depois, os monarcas dos reinos vizinhos unem-se para retirar Mujin de dentro da Árvore.

#### Capítulo 1

Mujin já não se lembrava mais como era estar em completo silêncio. As vozes dos espíritos que ele havia engolido retumbavam constantemente, se sobrepondo aos próprios pensamentos do monarca. Mas, de alguma forma, as vozes dos conselheiros eram ainda mais altas naquele dia.

Não que ele se orgulhasse de admitir isso, mas havia deixado de prestar atenção minutos antes, quando ainda discutiam sobre aumentar os tributos. Olhava pela janela, admirando uma garça que alisava as penas na beira do lago. O assunto dos conselheiros chegara em como deveriam gastar aquele dinheiro e um deles sugeria investi-lo em melhorias na ala das mulheres, argumentando que ela parecia abandonada. Um a um, os conselheiros se deram conta do motivo. Eles se entreolhavam com certo desespero, até que um deles tomou coragem o suficiente e sugeriu:

– Vossa majestade deveria considerar encontrar uma dama para ser sua rainha.

Sem perceber que estavam falando com ele, o rei seguiu observando a ave. Um silêncio constrangedor tomou conta da sala. Mitsugi, o atendente pessoal do rei, inspirava profundamente. Pigarreou de maneira nada discreta, capturando a atenção de Mujin, que virou lentamente o rosto na direção dos conselheiros.

*Você realmente acha que é capaz de governar se continuar assim?*

*Um rei fracassado, é isso que você é...*

Mujin sacudiu a cabeça, tentando afastar as vozes.

– Perdão, me distraí por um instante. Poderiam repetir?

– Dizíamos que vossa majestade deveria começar a pensar sobre seu casamento.

O monarca sabia que aquele momento chegaria eventualmente, mas esperava que ele demorasse um pouco mais. Com as vozes em sua cabeça, um reino a proteger e alianças a serem formadas, um casamento estava longe de ser uma prioridade.

– Vossa majestade já passou dos 20 anos, se esperar mais tempo, boatos vão começar a surgir...

– E em um momento como esse, em que o Reino das Flores de Cerejeira ainda está se reestabelecendo, boatos só nos trariam problemas, vossa majestade.

O olhar dos conselheiros demonstrava uma preocupação genuína. Se pudessem, não estariam forçando Mujin a encontrar uma esposa. Mas o bem do reino era a prioridade de todos ali. Isto é, exceto por um deles.

– Se me permite, gostaria de lhe oferecer a mão de minha filha – disse o conselheiro Kotaro, com o sorriso de quem esperou por aquele momento a vida toda. – Fiz questão de contratar os melhores professores para ela. Kana foi instruída na cerimônia do chá e sabe tocar diversos instrumentos maravilhosamente bem.

Conforme os outros conselheiros confirmavam as afirmações de Kotaro, a cabeça de Mujin foi tomada por sons agudos. Geralmente, os espíritos lhe diziam algo, mas naquele momento eles apenas gritavam como se estivessem em terror. Na sala, os conselheiros continuavam a discussão, mas Mujin tinha dificuldade de discernir suas palavras.

– ... candidatas?

– ... filhas... estariam dispostas...

– Parece... ideia.

– Mas quando... isso?

Se ter vozes soando constantemente em sua cabeça já não é uma tarefa fácil, imagine então ter 108 vozes gritando em uníssono. Fechou os olhos e respirou fundo. Permaneceu desta forma até que a voz de Mitsugi trouxe Mujin de volta a reunião mais uma vez.

– Creio que o Festival da Primavera seja um ótimo momento para encontrar uma dama, vossa majestade.

O rei massageou as têmporas, tentando se livrar da dor de cabeça. Um pouco a contragosto, disse que iria pensar sobre o assunto e deu a sessão por encerrada antes que uma nova discussão surgisse. Levantou-se de súbito e saiu a passos largos pelo corredor, com o atendente Mitsugi apressando-se logo atrás.

– Peço perdão por minhas atitudes mais cedo, vossa majestade.

– Não há pelo que se desculpar, você apenas fez o que deveria.

Ao ouvir o tom do rei, Mitsugi engoliu a resposta que estava na ponta da língua. Não valia a pena começar uma discussão por algo tão banal.

Os corredores pelos quais passavam eram imediatamente preenchidos pelo eco de seus passos. Eventualmente, cruzavam com criados que se apressavam em reverenciar o rei. Não que Mujin se importasse com aquelas formalidades, ainda mais naquele momento. A única coisa que lhe importava era encontrar um lugar em pudesse ter um pouco de paz, de forma que só parou de caminhar quando chegou em frente a cerejeira que fora seu lar até pouco tempo. A Árvore Divina, que um dia estivera tão perto da morte, agora era coberta pelos botões cor-de-rosa que anunciavam a chegada da primavera.

*Você nunca deveria ter saído da árvore!*

*Seu destino é ficar só...*

O monarca cerrou os dentes conforme o burburinho crescia em sua cabeça. Às vezes desejava que aquele sofrimento acabasse. Mitsugi observava a cena em silêncio, ainda que com certa apreensão. O rei era bastante reservado e não falava a respeito de seus problemas para ninguém, nem mesmo seu fiel acompanhante. Mas Mitsugi não era tolo, sabia que algo não estava certo. No fundo, ele desejava ter coragem para perguntar.

Mujin não podia fazer nada para silenciar as vozes, mas sabia um jeito de acalmá-las.

– Mitsugi.

– Sim, vossa majestade.

– Prepare minhas roupas. Para... você sabe.

– Sim! Irei imediatamente.

O atendente fez uma reverência, mesmo que Mujin estivesse de costas para ele, ainda perdido em seus pensamentos. Mitsugi bufou enquanto voltava na direção do castelo. Mas não podia dizer que estava surpreso. As visitas ao vilarejo eram constantes. Mujin fazia isso em segredo, claro. O único que sabia das escapadas reais era Mitsugi, que não era exatamente um grande apoiador. No começo, o atendente ainda tentava convencer o rei de que não era uma boa ideia, mas logo percebeu que seus esforços seriam todos em vão. Mujin nunca soube explicar por que gostava tanto de fazer tais visitas. Talvez por não ter sido criado dentro dos muros do Palácio, o que o fazia sentir a necessidade de estar entre o seu povo. Ou talvez o fizesse apenas para lembrar por que havia se sacrificado.

Mujin passou mais alguns minutos em frente a árvore antes de ir para os seus aposentos. Mitsugi havia deixado um conjunto feito em seda barata sobre a mesa. A manga esquerda do kimono azul-marinho desbotava de maneira desigual enquanto o hakama cinza tinha a bainha desfiada.

Como de costume, deixou o castelo pelo portão oeste durante a troca da guarda. Chegou ao pacato vilarejo após alguns minutos de caminhada. As ruas ainda estavam enlameadas depois da última chuva, mas aquilo não impedia as crianças de correrem, desviando dos clientes que se aproximavam das lojas, atraídos por vendedores que batiam palmas. Era reconfortante saber que ele havia permitido que aqueles sorrisos existissem. O rei caminhava entre aquelas pessoas admirando cada cor, cheiro e som, cada pequena ação cotidiana. Em especial, admirava o cheiro de takoyaki. Ele sempre salivava com aquele cheiro, mas, naquele dia, parecia mais tentador do que o normal. Mujin evitava interagir com os aldeões, apenas por segurança. Além disso, não havia trazido dinheiro consigo.

Quando se deu conta, o sol começava a desaparecer no horizonte. Não se sentia cansado mesmo após o longo dia de caminhada. Na verdade, era o mais perto da definição de “paz” que ele poderia chegar. Apesar disso, tinha certeza de que encontraria um Mitsugi zangado por ter que inventar desculpas sobre o desaparecimento do rei durante o dia todo. Começou seu caminho de volta arrastando os pés. Acabou se detendo em frente à loja de tecidos, encantado pela maneira como a luz alaranjada refletia nos bordados prateados de uma das peças ali exposta. Sabia que precisava voltar, mas seu instinto falava mais alto. Caminhou até lá e estendeu sua mão para tocar o tecido. Era uma peça macia, de seda verde brilhante que se transformava gradualmente em um rosa vivo, bordada à mão com as flores de cerejeira das quais Mujin tinha tanto orgulho. Era como uma obra de arte e ele a contemplava com tamanho interesse que quase não reparou quando uma voz delicada lhe disse:

– Vejo que você gostou dessa peça. Gostaria de vê-la aberta?

O rei virou-se na direção da voz e deparou-se com uma jovem mais ou menos da sua idade. Vestia um kimono simples, de estampa yabane em vermelho e branco, e hakama azul-marinho. Seus cabelos negros – que mal tinham comprimento o suficiente para serem presos em penteados simples, o que dirá nos elaborados – caíam soltos sobre os ombros, sem adorno algum, emoldurando um rosto inocente e harmonioso, coberto por uma pequena constelação de sardas.

Mujin demorou a perceber, mas, pela primeira vez em muito tempo, os espíritos dentro de si estavam em silêncio.

## Capítulo 2

Himari sentia que sua vida começou a mudar quando o convite real chegou até a casa de seus pais. No começo todos estavam surpresos, afinal ser convidada para assistir o desabrochar das cerejeiras junto da família real era uma grande honra e um grande privilégio. Nem mesmo membros da nobreza eram convidados com frequência. Então por que a filha de um comerciante estaria sendo convidada?

Entretanto, sua família estava mais preocupada em celebrar a possibilidade de ascensão social do que em questionar os motivos de tal convite. Os preparativos começaram pouco depois que o mensageiro real deixou a residência, quando Himari ainda não havia sequer digerido a notícia completamente.

Terumi não mediria esforços se aquilo significasse uma boa oportunidade para sua filha e, por isso, pediu ajuda de todas as mulheres do vilarejo que conhecia e até de parentes que nem lembrava de ter. Além disso, a notícia se espalhou rapidamente, de modo que as poucas amigas que Himari possuía chegaram à casa trazendo maquiagens e adornos.

Makoto, havia separado algumas das melhores peças de tecido que possuíam para fazer os trajes que a filha usava. Mulheres deveriam se apresentar na corte vestindo múltiplas camadas de kimonos, variando de acordo com sua classe social. Como os Nakamura tinham certo prestígio como comerciantes, Himari deveria usar 6 camadas. Os kimonos internos eram feitos em três tons de rosa e os externos em verde-claro com brocados na barra. Já o obi era feito com tecido verde-escuro e ornado com peônias coloridas. Apesar de relativamente simples, era uma peça elegante.

Havia passado horas sentada em frente a um espelho enquanto as mulheres da família e as amigas a maquiavam e penteavam seu cabelo da maneira mais elegante que conseguiam, finalizando com o pente florido que Terumi usará na ocasião de seu casamento. Todos lhe disseram que ela parecia uma boneca, mas Himari não sabia se aquilo era bom ou não.

Se reuniram na sala e fizeram uma pequena celebração enquanto esperavam pela escolta da garota. O cômodo era preenchido por conversas alegres, Terumi circulava pelo local oferecendo dango aos convidados. Apesar da euforia a sua volta, Himari permanecia sentada em canto, perdida em seus próprios pensamentos. Se apenas pudesse encontrar uma forma de fugir daquela situação...

Mas antes que ela pudesse arquitetar um plano de fuga, o festejo foi interrompido por três batidas na porta que calaram todos os presentes. Com o coração em disparada, Himari observou enquanto o pai recepcionava um rapaz vestindo armadura.

– Estou aqui para acompanhar a senhorita Nakamura até o castelo.

Himari despediu-se e agradeceu as pessoas ali presentes, abraçou os pais e acompanhou o guarda até o riquixá, mesmo não tendo vontade alguma de fazer aquilo. Permitiu-se olhar para trás uma última vez antes de subir no veículo. Embora não tivesse feito nada para merecer aquilo, todos a olhavam com orgulho e ela não pretendia decepcioná-los. Os cascalhos estalaram sob as rodas do veículo quando o condutor começou a levá-la. Estalaram também sob as botas do guarda que a acompanhava. O trajeto até o palácio não demorava mais do que meia hora e foi feito em completo silêncio.

Ao chegarem no portão principal, o guarda ajudou a garota a descer do veículo. Foram recepcionados por uma atendente na casa dos 40 anos, que já esperava por Himari. A mulher cumprimentou-a com um reverência breve e pôs-se a conduzi-la em direção às escadarias que davam acesso à ala principal do castelo. Enquanto subia os degraus, Himari não pode deixar de notar o sutil perfume adocicado das cerejeiras em plena floração.

O imponente castelo de paredes brancas e teto negro com detalhes em dourado era cortado por um longo corredor. Nele, a história do reino estava ricamente retratada sobre os painéis de madeira. As cores se mantinham bem conservadas mesmo após anos. Queria poder parar e admirar cada detalhe, mas a atendente seguia em um ritmo impiedoso. O corredor terminava em um pátio amplo, onde um caminho de pedras cuidadosamente dispostas serpenteava até um lago de águas cristalinas e cortava-o por meio de uma ponte curvada, seguindo em direção ao jardim principal. O lugar era como um bosque de cerejeiras. Pétalas caíam das árvores como cascatas, cobrindo cada centímetro do gramado com um tapete rosado.

O caminho pelo qual seguiam terminava em um gazebo de madeira elevado, cercado por longas cortinas de tule rosado, de modo que era possível ver apenas as silhuetas do grupo ali reunido. Himari teve alguns segundos de alívio quando a atendente parou em frente a escada que levava ao gazebo, indicando-o com as mãos. Mas a sensação logo desapareceu. A partir dali Himari seguiria sozinha. Os dois soldados que guardavam a entrada a olhavam com atenção, o que só fazia crescer a agitação em seu peito. Respirou fundo e subiu os degraus com a sensação de que escalar uma montanha seria mais fácil.

Havia nove mesas dispostas ao redor do gazebo, uma ao centro, de frente para a escadaria, e quatro de cada lado. Embora não conhecesse os costumes da corte, Himari tinha quase certeza de que aquela mesa central era destinada a algum membro da realeza, de modo que ela não precisou pensar muito para decidir onde se sentar. Ocupou o lugar mais próximo dos degraus, conseqüentemente o mais afastado do assento em destaque.

Do lado oposto, um grupo de garotas olhava para Himari com desdém. Embora a que vestia um conjunto de kimonos em cores que lembravam uma ameixa parecia sentir mais pena do que desgosto. Não que o sentimento por trás do olhar importasse muito. Himari detestava ser o centro das atenções e sentia que se sobressaía demais naquele lugar. Afinal, até mesmo os observadores mais desatentos perceberiam com facilidade que a maioria das outras meninas ali reunidas eram de famílias das classes mais altas. Não apenas pela quantidade de camadas que vestiam, mas também pelo comprimento de suas mangas.

Em meio a tanto luxo, era irônico que a garota que mais se destacava para Himari não era aquela com os trajes mais exuberantes. Pelo contrário, vestia um estilo de kimono muito semelhante ao dela. A camada mais externa, tinha certeza, era feita com um dos tecidos vendidos por sua família. Lembrava-se bem daquela peça, pois as hortênsias brancas contra o fundo azul eram como nuvens no céu. Impressão que era reforçada ainda mais pelas íbis com as asas abertas. Porém, o que mais lhe chamava atenção era que a garota conversava com uma criada como se elas se conhecessem bem. Tudo aquilo atiçava a curiosidade de Himari, mas ela não ousaria ir até lá. Não que ela precisasse, afinal, a garota já havia notado seus olhares. Estendeu sua conversa com a criada apenas o necessário. Cruzou o espaço até Himari com agilidade e uma alegria quase infantil.

– Acho que nunca vi você por aqui antes – disse com uma voz animada, sentando-se próxima – Eu me chamo Kou, e você?

– Eu... me chamo Himari.

– Himari? Como em “girassol”? É um nome tão bonito. Queria ter tido essa sorte. Meu nome vem de “damasqueiro”. Queria que meus pais tivessem escrito meu nome como em “luz”, seria mais bonito. Mas poderia ser pior... Imagine se eles tivessem escrito como em “armadura”! Mas não posso negar que seria engraçado, considerando que meu pai é o chefe da guarda...

Himari começava a desejar que um buraco se abrisse a sua frente. Ou, melhor ainda, que pudesse voltar correndo para casa. Não estava particularmente interessada em conversar. Oferecia respostas breves, na esperança de que o assunto morresse. Mas Kou se recusava a deixar com que o silêncio perdurasse por mais que alguns segundos.

– As flores estão lindas, não é mesmo?

– Dizem que são as mais bonitas de todo o reino – Himari olhou para além das cortinas. “Dizem não, elas realmente são”, pensou.

Enquanto ela observava as árvores que dançavam com o vento, uma comitiva surgiu por entre os ramos de flores. O grupo era liderado por uma figura imponente, cujas vestes

arrastavam-se pelo chão, abrindo uma trilha entre as pétalas caídas. Distraídas por fofocas amenas, as garotas foram surpreendidas pela voz de um dos guardas.

– Anunciando vossa majestade, o rei Mujin.

O aviso fez com que as conversas cessassem no mesmo instante. Até mesmo os pássaros pareciam ter se calado em respeito. Em um gesto inconsciente, Himari endireitou a postura. Os passos do monarca ecoavam pelas escadas enquanto as meninas no gazebo checavam sua aparência uma última vez. Um ar de tensão se formou e manteve-se conforme todos observavam a figura do monarca surgindo a cada passo. Era como contemplar o nascer do sol.

Uma a uma, as garotas ficaram de pé e curvaram-se em reverência. Himari esforçou-se para imitar os movimentos das outras. Nunca fora religiosa, mas rezava para que não tivesse feito nada de errado. Ainda curvada em uma reverência, permitiu-se uma espiada na direção do rei. Vestia um haori de cores vibrantes e bordados cintilantes por cima de um kimono preto simples, com longos colares de contas vermelhas ao redor do pescoço. Usava, também, uma joia em formato de serpente presa no nariz. A franja loira contrastava com o cabelo escuro de uma maneira estranhamente familiar. Por um segundo, a garota se esqueceu das flores de cerejeira, havia algo tão belo quanto elas a sua frente.

Quando o rei assumiu seu lugar na mesa em destaque, as meninas voltaram a se sentar, mantendo uma postura mais elegante do que alguns minutos atrás. As criadas começaram a servir o chá enquanto um homem, que Himari assumiu ser o atendente pessoal do rei, dava um discurso agradecendo a presença das oito garotas ali reunidas. Discurso esse do qual Himari não absorveu quase nenhuma palavra. Se sentia inquieta. Podia ser apenas sua imaginação, mas não conseguia se livrar da impressão de que os olhos do rei se voltavam constantemente na sua direção.

### Capítulo 3

O chá verde tinha um gosto mais amargo do que de costume. Não por culpa das folhas com as quais era feito, mas porque Mujin estava exausto. A reunião matinal com os conselheiros havia sido particularmente penosa. Além das longas horas costumeiras, precisou passar mais uma eternidade ouvindo os conselheiros exaltarem as qualidades de suas candidatas favorecidas. E agora nem mesmo sua curiosidade sobre a garota do vilarejo soava como um motivo bom o suficiente para estar ali.

Percebendo o estado do rei, Mitsugi levantou-se de seu assento nos fundos do gazebo e caminhou até um local visível para todos.

– Senhoritas! Peço um segundo de sua atenção, por gentileza. – Anunciou o atendente, em um tom solene que Mujin não estava acostumado a ouvir. – Gostaria de explicar como este evento terá continuidade.

O som suave dos copos de porcelana sendo colocados sobre as mesas de madeira ecoou pelo gazebo conforme as meninas voltavam sua atenção para Mitsugi.

– Vossa majestade, o rei Mujin, irá levar cada uma de vocês para uma pequena caminhada ao redor do lago. Vocês poderão conversar sobre o tópico que desejarem durante o percurso.

Prosseguiu explicando regras e outras formalidades que as garotas deveriam cumprir e disse que ele mesmo e dois guardas seguiram o rei e sua convidada a certa distância, para garantir a privacidade das conversas. Ao finalizar seu discurso, o atendente se voltou na direção de Mujin. Trocaram um olhar cúmplice ao qual Mitsugi respondeu com um aceno de cabeça. O rei levantou e dirigiu-se para a beira do lago, onde esperaria por suas pretendentes. Havia pedido que o atendente chamasse a filha de Kotaro primeiro. Sabia que os espíritos não reagiam bem a ela e esperava livrar-se desse incomodo o mais rápido que pudesse.

Kana caminhou até ele com graciosidade e cumprimentou-o com uma reverência perfeita. Kotaro havia se gabado da educação da filha e pelo menos nisso não havia mentido. Vestia kimonos em diversos tons de vermelho e roxo. Mujin tinha certeza de que a combinação de cores, associada a nobreza, havia sido escolha do conselheiro. Como esperado, Mujin podia sentir a agitação dos espíritos dentro de si. Ou talvez fosse sua própria agitação. De qualquer forma, respirou fundo, juntando forças para encarar o que estava por vir.

Começaram a caminhada em silêncio. Os espíritos falavam em uma entonação normal e não mais do que o habitual. A luz do sol refletia sobre a superfície do lago, salpicado por

pétalas que caíam das cerejeiras, formando uma cena de serenidade que contrastava com os dois jovens ali.

– Soube que vossa majestade está à procura de uma esposa. Já tem alguma candidata em mente?

– Presumo que seu pai a tenha contado.

– Sim, ele contou. Mas não é algo exatamente difícil de se deduzir sozinha. – Mujin abominava o tom arrogante com que ela falava. Não sabia quanto tempo iria aguentar se precisasse conviver com aquilo pelo resto de sua vida. – Já deve ter ouvido dos conselheiros que fui instruída desde criança para ser uma dama da corte...

*Passar sua vida junto dela parece uma punição mais adequada do que passá-la preso dentro de uma árvore, não concorda?*

– Ainda tenho tempo para decidir isso.

*Isso... prolongue seu sofrimento... nos alimente com a sua dor...*

– De fato, ainda temos alguns dias até o fim do Festival. Mas não há motivos para postergar isso quando a resposta já é tão óbvia.

O rei usava todas as forças que lhe restavam para não deixar que a dor transparecesse em seu rosto. Esperava encontrar uma esposa com quem pudesse dividir as responsabilidades e escolher Kana para ser sua rainha apenas adicionaria mais um peso sobre suas costas.

– Terá de me perdoar, mas não tenho intenções de escolhê-la.

Mujin foi pego desprevenido quando Kana começou a rir com deboche.

– Vossa majestade sabe melhor que qualquer um aqui que essa não será uma opção. Não importa o você ou eu pensemos a respeito, meu pai não irá descansar enquanto eu não me tornar rainha.

No fundo, Mujin já sabia que aquilo iria acontecer, afinal Kotaro era o tipo de pessoa que se deixa levar pela sede de poder. Suas ações e até mesmo suas palavras eram premeditadas. O rei não tinha dúvidas de que seu casamento só havia virado um tópico por influência de Kotaro.

*Até mesmo um conselheiro tem mais poder do que você...*

– Estou disposto a encarar as consequências de minhas escolhas.

O restante da caminhada foi feito em silêncio. O caminho parecia ter intermináveis quilômetros de comprimento, mas, por fim, chegaram de volta ao gazebo. Mujin logo apressou-se em se despedir da jovem, com nada mais que uma reverência silenciosa. Kana afastava-se dele com a mesma graça de quando havia chegado. Em um gesto repentino, ela deixou as formalidades de lado ao olhar por cima do ombro, dirigindo-se ao monarca.

– Estamos no mesmo barco, vossa majestade.

\*\*\*

A noite já havia caído quando Mujin pode, enfim, voltar ao gazebo. Restava conversar apenas a garota que atiçava sua curiosidade. Embora a exaustão já tomasse conta de seu corpo, começou a subir a escadaria com expectativa em seu peito. Não sabia ao certo o que esperar daquele encontro. Mas sabia que queria ter certa privacidade ao lidar com as novas sensações, caso fosse necessário. Parou alguns degraus antes do topo e dispensou Mitsugi com um gesto de mão. O atendente levantou uma sobancelha, mas Mujin não lhe deu explicações, apenas gesticulou mais uma vez. As criadas que ainda estavam ali aproveitaram a deixa e voltaram para o castelo junto do atendente, deixando o rei e sua convidada a sós.

O suor se acumulava nas palmas de Mujin. Subiu os últimos degraus e, como da vez que encontrou a garota no vilarejo, as vozes se calaram. Havia desejado aquele silêncio tantas vezes, mas agora a sensação lhe era estranha. Aproveitou para apreciar os sons que geralmente não conseguia escutar: o canto dos grilos, o farfalhar das folhas que balançavam com o vento, os sinos de vento espalhados pelo jardim, o crepitar das chamas das lanternas. Era como descobrir o mundo novamente.

A garota encarava um ponto fixo no chão. Claramente perdida em pensamentos, sequer havia percebido que o rei se aproximava ou que as criadas haviam ido embora. Mujin tentou segurar o riso, pensando em como eram parecidos naquele aspecto. Mas seu esforço não trouxe resultados. O som de sua gargalhada ecoou pelo gazebo, chamando a atenção da garota. Surpresa, ela se levantou em um pulo, curvando-se de maneira desengonçada. Mujin precisou de alguns segundos para se recompor.

– Peço perdão, vossa majestade. Não estou familiarizada com os hábitos da Corte... não sei o que eu deveria fazer...

A voz da garota era um sussurro quase inaudível, tão diferente da voz que Mujin havia ouvido no vilarejo dias antes. Ele se perguntava se teria conseguido ouvi-la caso as vozes não estivessem em silêncio.

– Não precisa se preocupar com isso. Pelo menos não quando estivermos a sós.

Após a observação do monarca, a garota olhou ao redor, surpresa de perceber que todos os outros já haviam ido embora. Os ombros dela relaxaram em um movimento delicado, quase imperceptível. Mujin já havia passado por aquilo e sabia que aprender a navegar as regras de

etiqueta não era tarefa fácil, nem mesmo com a ajuda de professores. Mal conseguia imaginar quão duro deveria ser para aquela garota fazer isso sem ajuda nenhuma.

– Se importa se ficarmos aqui? Meus pés estão um pouco doloridos depois de toda essa caminhada... – Mujin se sentiu um pouco culpado por mentir, não sentia dor nenhuma. Na verdade, até seu cansaço parecia ter ido embora. Sabia que podia simplesmente dizer que não queria mais caminhar, que preferia apenas se sentar e conversar. Mas acabou optando por mentir. E por mais que procurasse uma explicação para isso, Mujin não conseguia encontrar nenhuma.

– Como preferir, vossa majestade.

Ocupou o assento ao lado da garota, cruzando as pernas da maneira mais descontraída que conseguia. Queria deixar todas as formalidades de lado enquanto estivesse com ela, principalmente porque queria que ela se sentisse um pouco mais confortável naquele ambiente tão hostil. Mas aquilo surtia o efeito contrário. A garota voltou a sentar em um movimento claramente tenso.

– Há algum assunto sobre o qual você gostaria de conversar?

Como resposta, a garota apenas sacudiu a cabeça.

– Então vejamos... que tal começar me dizendo o seu nome?

– Himari.

– É um nome bonito. Combina com você.

Por conta da iluminação fraca das lanternas, Mujin não conseguia perceber, mas a garota encarava o chão a sua frente com bochechas ruborizadas.

– Obrigada.

– Seu pai é o dono da loja de tecido no vilarejo próximo, não é?

– Sim.

Mujin sentia um gosto amargo em sua boca, mas dessa vez o gosto pouco tinha a ver com o chá verde. Estava mais para o gosto da derrota. Da mesma forma que havia acontecido com Kou horas antes, Himari oferecia apenas respostas monossilábicas ao rei, o que deixava o garoto ainda mais inquieto. Ele quase podia ouvir os espíritos lhe dizendo que deveria se envergonhar por sequer conseguir manter uma conversa com uma garota. Mais ainda quando essa garota era uma de suas pretendentes. Mujin já começava a perder as esperanças quando foi surpreendido.

– Eu... poderia lhe fazer uma pergunta, vossa majestade?

O monarca piscou algumas vezes, tentando se recuperar do baque.

– Claro!

– Por quê? – Himari finalmente levantou os olhos, encarando Mujin com determinação  
– Por que me convidou? Sou apenas a filha de um comerciante de tecidos, não há nada de especial sobre mim...

“Se ao menos você soubesse...”

Mujin e Himari trocavam olhares como se estivessem em um cabo de guerra, esperando ver qual lado cederia primeiro. O monarca permaneceu alguns instantes em silêncio, ponderando sobre sua resposta. Ele sabia que seu convite incomum traria questionamentos por parte de muitas pessoas, assim como sabia que a garota deveria estar passando por um turbilhão de sentimentos naquele momento. Mas não era algo fácil de ser explicado.

– Você vai entender, no momento certo.

Himari não parecia satisfeita com a resposta que recebeu. Mas Mujin não podia contar a verdade. Não ainda.

#### 4. CLOSE THE GATE

Nunca fui boa escrevendo conclusões. Não sei o que é relevante ser dito nessas horas. Optei por seguir os conselhos que a professora Janaína Baladão deu em aula e falar (com honestidade) sobre como eu me senti enquanto escrevia esse trabalho. De qualquer forma, peço desculpa de antemão caso essa parte do trabalho pareça apenas um monte de informações soltas.

Enfim... imagino que uma boa maneira de começar seria falando que este trabalho é um recorte (sim, recorte! A mesma palavra que ouvi tantas vezes durante as aulas de Projeto de pesquisa e de TCC). Infelizmente precisei deixar de fora muitos tópicos que gostaria de ter mencionado, a teoria dos laços sociais de Raquel Recuero, por exemplo. Bom, faz parte...

Eu deveria falar algo positivo sobre isso, não? Bom, foi interessante ler essas fanfics sobre uma perspectiva acadêmica e perceber que tantas questões que estudei ao longo da graduação estavam sendo usadas, inconscientemente ou não, por aqueles autores. Também encontrei algumas histórias que foram bem divertidas de se ler.

Mas sobre o trabalho criativo... ah, o trabalho criativo... À primeira vista você deve achar que eu tive uma relação ótima com meu texto, afinal eu estava falando sobre o meu grupo favorito, não é mesmo? Pois é, não foi bem assim (risos nervosos). Em muitos momentos minha única motivação para continuar escrevendo era por ser algo relacionado ao Kingdom, mas por outro lado eu também me questioneei diversas vezes se não teria sido mais fácil seguir as ideias de narrativa que eu tinha para outros membros. Foi desafiador retratar uma cultura da qual não faço parte, especialmente porque não queria fazer isso de qualquer forma. Meu maior medo era soar desrespeitosa e, por isso, passei muito tempo pesquisando sobre isso. Assisti provavelmente uma centena de vídeos sobre o Japão (o Youtube até hoje me recomenda vídeos de obentô...), li livros com mais de 500 páginas e até usei um dia inteiro da minha viagem a São Paulo para visitar museus. Algumas dessas coisas estão listadas nas referências criativas.

E para aqueles que chegaram aqui com expectativas de saber sobre o futuro de *Entre pétalas e espadas*, tenho péssimas notícias. Não sei se os próximos capítulos dessa história irão ver a luz do dia (Bami, se você estiver lendo isso, não me bate...). Não entenda mal, tenho muito carinho pela história que criei e gostaria muito de vê-la completa um dia, mas tenho o péssimo hábito de não finalizar narrativas longas. Vê? Eu disse que não era boa com conclusões.

Você já deve ter percebido que houve diversos momentos em que escrever este trabalho não foi fácil. Precisei passar por problemas familiares, bloqueios criativos e um período de luto... Perdi as contas de quantas vezes pensei em desistir, especialmente na última semana antes da entrega. Mas no final, posso dizer que fico satisfeita com o resultado.

Ah, acho que eu também deveria dizer que nunca consegui encontrar uma justificativa sobre porque escolhi falar sobre fanfic neste trabalho. Nunca li muitos trabalhos desse gênero e as duas vezes em que escrevi algo assim foram para trabalhos da faculdade. Talvez escrever este trabalho tenha sido a forma que eu encontrei de retribuir aquilo que o K-pop me proporcionou. Independentemente do motivo que me levou a escrever isso, tenho esperança de que minhas ideias vão contribuir para trabalhos similares no futuro.

## REFERÊNCIAS

A. **Until when.** 21 jun. 2020. Twitter: @sindaerela. Disponível em: <<https://twitter.com/sindaerela/status/1274811416273289216?t=-Oamz5KBeegTaBHQM20iOA&s=19>>. Acesso em: 28 maio 2023.

ARI. **seungbin au.** 29 mar. 2022. Twitter: @jisungpatito. Disponível em: <<https://twitter.com/jisungpatito/status/1508929989911191553?t=yNjITIH5ba5TjazZf4yAdA&s=19>>. Acesso em: 02 jun. 2023.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. **Escrever ficção:** Um manual de criação literária. Brasil: Companhia das Letras, 2019. *E-book*.

BIBI. **au!minsung.** 20 abr. 2018. Twitter: @hanxmine. Disponível em: <[https://twitter.com/hanxmine/status/987451113912852482?t=eYOjD\\_PGKYOYUbkWu63aBg&s=19](https://twitter.com/hanxmine/status/987451113912852482?t=eYOjD_PGKYOYUbkWu63aBg&s=19)>. Acesso em: 28 maio 2023.

BLUE. **Coelhinho da Páscoa.** 09 abr. 2023. Twitter: @choiscat. Disponível em: <<https://twitter.com/choiscat/status/1645096707221336066?t=ZCu5ZASV4BNR9Et6ywQdJg&s=19>>. Acesso em 29 maio 2023.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CENTRO CULTURAL Coreano no Brasil. **Cultura e artes:** K-pop. Disponível em: <<https://brazil.korean-culture.org/pt/144/korea/46>>. Acesso em: 25 set. 2022.

DICIONÁRIO INFORMAL (São Paulo) (comp.). **Lore:** Definição. 2017. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/lore/>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

ESPINDOLA, Polianne Merie. Cultura de fãs e redes sociais: como a cultura participativa e o capital social atinge as organizações. *In:* Congresso de ciências da comunicação da região sul, **Anais eletrônicos [...]**, n. XVI, 2015, Joinville. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0548-1.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

FACTS KOREA. **About Korea:** Hallyu (Korean Wave). Disponível em: <[https://www.factsaboutkorea.go.kr/bbs/view21.do?bbs\\_id=BBSMSTR\\_00000000606&ln=en](https://www.factsaboutkorea.go.kr/bbs/view21.do?bbs_id=BBSMSTR_00000000606&ln=en)>. Acesso em: 28 set. 2022.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry *et al.* **Cultura da Conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. Tradução de Patricia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

K-POP around the world. Disponível em: <<https://storage.googleapis.com/pr-newsroom-wp/1/2020/02/V3-1.png>>. Acesso em: 01 jun. 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2ª ed, 1ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2001.

MAR. **Venus as a boy**. 12 mar. 2023. Twitter: @halatziia. Disponível em: <[https://twitter.com/halatzii/status/1634927952755343360?t=gjkrOD1LP5G4wZylY8\\_pQ&s=19](https://twitter.com/halatzii/status/1634927952755343360?t=gjkrOD1LP5G4wZylY8_pQ&s=19)>. Acesso em: 03 jun. 2023.

MONTEIRO, Camila. **Fandom**: cultura participativa em busca de um ídolo. Anagrama, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 1-13, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35481>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

MOURA, Rayssa dos Santos de. **O soft power da música como atrativo turístico**: uma análise da onda Hallyu. 2021. 76 f. TCC (Graduação), Curso de Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

ODRÍA, Mariana de Lama. **Fanfiction**: una red social en el espacio de la ficción. Lima: Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas, 2016.

OLY. **Omega x au**. 03 nov. 2021. Twitter: @au\_oly. Disponível em: <[https://twitter.com/au\\_oly/status/1455933618732290051?t=4Ozc7s6n-mvqkU38b5x-4g&s=19](https://twitter.com/au_oly/status/1455933618732290051?t=4Ozc7s6n-mvqkU38b5x-4g&s=19)>. Acesso em: 29 maio 2023.

PINHEIRO, Diego. **A influência sociocultural do k-pop**. 2021. Disponível em: <<https://jornal.oprefacio.com.br/2021/cultura/a-influencia-sociocultural-do-k-pop>>. Acesso em: 30 mar. 2023.

REOLON, Giovana Leticia. **The (functions) of beta Reading**: a importância da revisão em produções de fãs. 2019. 97 f. TCC (Graduação), Curso de Letras - Redação e Revisão de Textos, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/343625556\\_The\\_functions\\_of\\_beta\\_reading\\_a\\_importancia\\_da\\_revisao\\_em\\_producoes\\_de\\_fas\\_-\\_Giovana\\_Reolon\\_2019](https://www.researchgate.net/publication/343625556_The_functions_of_beta_reading_a_importancia_da_revisao_em_producoes_de_fas_-_Giovana_Reolon_2019)>. Acesso em: 21 set. 2022.

SKZ!AUS. **hanahaki!au**. 30 set. 20. Twitter: @hwgyoizz. Disponível em: <<https://twitter.com/hwgyoizz/status/1311459388822089728?t=gSGWVtnIeP3LfNYPulQ8Sg&s=19>>. Acesso em: 29 maio 2023.

SOUZA, Andressa; MARTINS, Helena. **A Majestade do Fandom: a Cultura e a Identidade dos Fãs**. Fortaleza, setembro de 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1084-1.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2022.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2015.

## REFERÊNCIAS CRIATIVAS

MENGLONG, Feng *et al.* **Os melhores contos de fadas asiáticos**: edição leste asiático. Tradução de Paula Nishizima [et al.]. São Caetano do Sul: Wish, 2022.

MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. Catálogo. São Paulo: Ministério da Cultura, 2016.

SHÔNAGON, Sei. **O livro do travesseiro**. São Paulo: Editora 34, 2013.

혼 (魂; Dystopia). Intérprete: Kingdom. Seoul: GF Entertainment, 2023. 1 vídeo (4 min). Disponível em: <<https://youtu.be/RSCX-2P6sug>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

## GLOSSÁRIO

Dango - doce japonês feito de massa de arroz glutinoso. Essa massa é moldada em formato de bolinhas e cozida em água quente ou no vapor. É geralmente servido espetado em palitos de bambu, em grupos de três ou cinco bolinhas. Pode vir acompanhado de molhos adocicados.

Hakama – vestimenta tradicional que remete a uma calça ampla, usada sobre o kimono. Seu uso é muito difundido por proporcionar maior liberdade de movimento.

Haori – peça de vestimenta usado sobre o kimono, semelhante a um casaco de mangas largas.

Kimono – em japonês, essa expressão significa "coisa de vestir". No ocidente, é utilizado para se referir a uma gama de peças que compõem a indumentária tradicional japonesa. Embora a grafia "quimono" também seja considerada correta, optei por utilizar a grafia do sistema Hepburn (método mais comum de transcrição do idioma japonês no alfabeto romano), pois era a mais utilizada pelas fontes que consultei.

Obi – faixa larga de tecido usada como uma espécie de cinto enrolados no corpo, podendo ser presa em um laço ou amarrada com um cordão.

Takoyaki – bolinho salgado, de formato redondo. feito com massa líquida, similar a massa de panqueca. Tradicionalmente, o takoyaki é recheado com carne de polvo.